AVEIRO DISPENSOU AO SEU NOVO BISPO

Aveiro, 29 de Dezembro de 1962 * Ano IX * N.º 427

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

GRANDIOSO E CARINHOSO ACOLHIMENTO

A tarde daquele domingo, 23 de Dezembro de 1962, estava frigidíssima — mas todos, e eram muitos milhares, suportaram varonilmente as incomodidades do tempo, aguardando sem queixumes a chegada do novo Bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade, na ânsia de vê-lo na sede da diocese e de lhe tributar aqui as primeiras homenagens.

O sol aquecia menos do que o entusiasmo dos que pacientemente esperavam — mas também ele esteve presente, a animar com o seu sorriso luminoso as cores garridas das bandeiras e as alegrias transbordantes das almas.

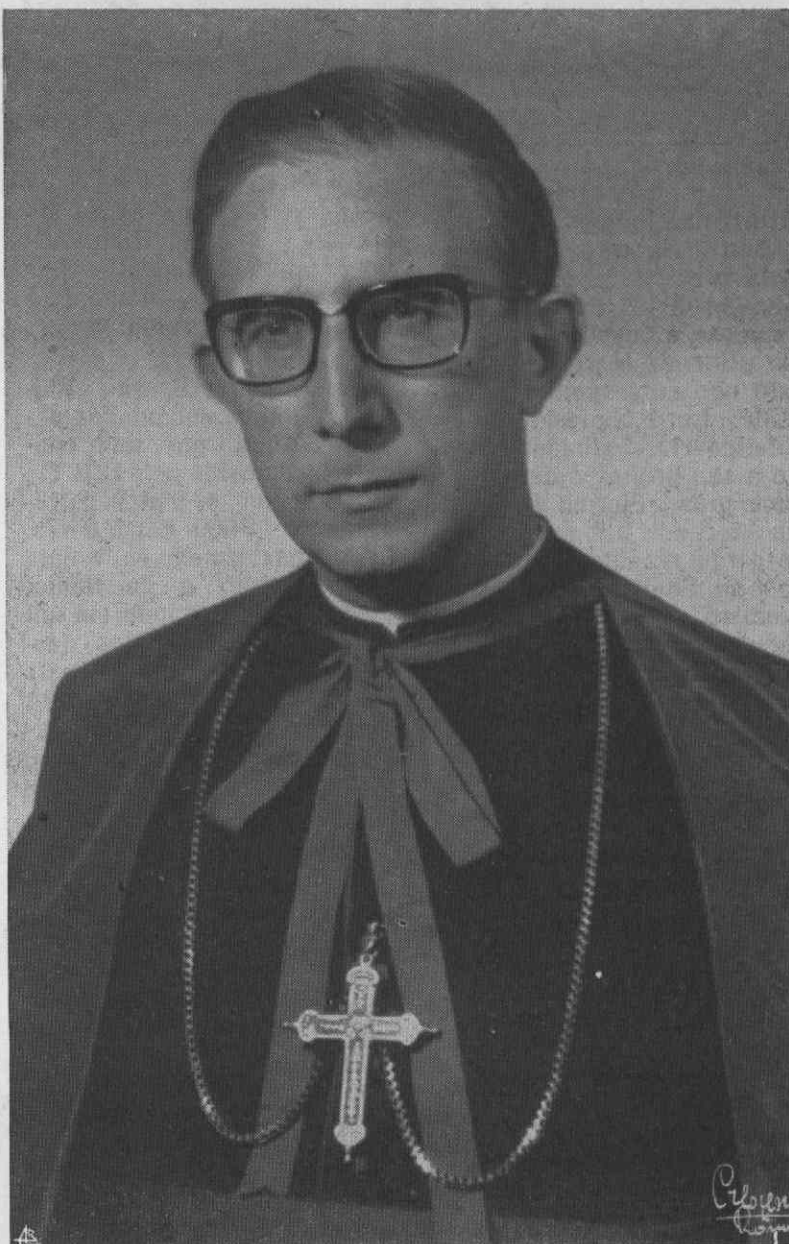
Algures se escreveu já ser impossível traduzir em palavras o respeito, o carinho, a animação e o júbilo das gentes de Aveiro durante aquela tarde inesquecível: a recepção que a diocese dispensou ao seu novo Prelado foi, na realidade, imponentíssima, verdadeiramente empolgante — sem dúvida uma das mais entusiásticas e significativas a que a cidade tem assistido.

Compreende-se: D. Manuel de Almeida Trindade, um humilde homem do Povo, tornado glorioso Sucessor dos Apóstolos, vinha como Pontífice e Chefe, como Doutor e Mestre, como Pai e Pastor dos seus fiéis; e vinha ainda, olhado no conjunto das qualidades humanas que o exornam, aureolado do prestígio dos seus altos dotes intelectuais e morais, dos louros do seu labor universitário e da sua obra literária e dos triunfos do seu incessante e fecundo munus sacerdotal.

Por isso aquele domingo foi para Aveiro um dia de festa: a cidade engalanou-se, desfraldando nos mastros os seus galhardetes e estendendo nas sacadas as suas colgaduras; os sinos repicaram incessantemente, juntando as suas alegrias às dos acordes das músicas; e os que a cada momento chegavam de todos os pontos da diocese, como rios caudalosos em demanda da imensidade do mar, inundaram o burgo milenário, dando-lhe um movimento verdadeiramente excepcional e emprestando-lhe o ambiente colorido dos grandes acontecimentos.

As notas de reportagem que seguem, tal como aconteceu com os extensos e cuidados relatos dos nossos diários, não conseguirão fixar e transmitir com fidelidade o que em Aveiro se passou, e menos aida o que em Aveiro se sentiu.

Manifestações à partida de Coimbra

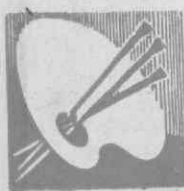
Ao sair de Coimbra, o sr. D. Manuel de Almeida Trindade foi alvo de uma calorosa manifestação de simpatia.

Junto do Seminário Maior, o ilustre Prelado recebeu os cumprimentos de inúmeras pessoas que ali acorreram — entre elas os srs. cónegos Dr. Dias Nogueira e Brito Cardoso, que representavam, respectivamente, os srs. Arcebispo-Bispo-Conde e Bispo Auxiliar; o sr. Eng.º Horácio de Moura, Governador Civil do Distrito, e a vereação da Câmara Municipal de Coimbra; professores e estudantes universitários, magistrados, médicos, advogados, engenheiros, sacerdotes e outras pessoas das mais diversas classes sociais; representantes de diferentes organismos e associações, designadamente do C. A. D. C., da União Noelista, da Acção Católica, das Ordens Religiosas, dos Amigos do Lar, das Criaditas dos Pobres e da Fraternidade Nun'Álvares.

Esteve também presente a Junta Regional do C. N. E., com uma numerosa deputação de escuteiros, que aproveitou o ensejo para entregar ao sr. D. Manuel de Almeida Trindade a «cruz de ouro de agradecimento», distinção que muito o penhorou. O ilustre Prelado teve, então, palavras de grande apreço para a magnífica escola de educação que é o escutismo católico.

Após os cumprimentos,

Continua na página 3

Abortou uma casa em Aveiro

Comentário de MÁRIO DA ROCHA

Abortou não é o termo adequado. Porque essa casa que falta na nossa cidade nem sequer jamais foi concebida!... Que saibamos, nós pelo menos, nunca houve alguém que pensasse que também uma casa destas deveria existir entre as outras casas!

O primeiro mês do novo ano vai ser, no salão nobre do Teatro Aveirense (sempre o Aveirense!...) um mês de exposições. Algumas dezenas de quadros, (que sendo novos não são, ali, novidade!) e várias esculturas em ferro, (que, além de serem novas, são também até ali, novidade entre nós!) não pretenderão, (daquele público que vê arte porque vai ver cinema), os louros olímpicos de artistas consagrados. Tão-só, expressando a arte que lhes anda nos olhos, não amarfanhem o que, porventura, já tenha firme pujança para lhes sair das mãos.

Helder Bandarra, um artista irmão de artistas, (não seria difícil aguentar esta afirmação, quiçá explosiva!) receoso como um Modigliani e insatisfeito como um Rouault, foi preciso fazê-lo acreditar em si para que não receasse juízos públi-

Continua na página 2

O próximo número do

será especialmente dedicado a D. Manuel de Almeida Trindade

CRÓNICAS ALEGRES

SECÇÃO DE JORGE MENDES LEAL

ZÓZIMO LÊ O JORNAL

Acaba de ser multado em cinco mil escudos o cantor milanês Adriano Celentano, que, ensaiando a toda a hora e a plenos pulmões, jurara não deixar dormir a pacífica vizinhança.

Os Celentanos cá da cassa chamam-se Calvários e Chicos Zés, Garcias e Farinhas, sendo parcimoniosamente dotados de voz e, logo, incapazes de perturbar ou reduzir o sono dos vizinhos. Também de fonte limpa se averiguou, até em presença dos resultados exibidos, que devem ensaiar muito pouco. Mas os seus microscópicos órgãos vocais, inteligentemente atrofiados por uma Natureza assaz zeladora do bem-comum, aparecem depois revestidos duma inusitada potência, mercê dos vários andares amplificadores das milhentas telefonias espalhadas por esse País fora; e daí provir que — ai de nós! — investem despudoradamente e amiúde sobre os ouvidos do indígena, com uma sonoridade que faria estremecer de inveja o próprio Caruso.

E ninguém os aquieta, ninguém os multa, ninguém os leva a tribunal.

Segundo conta a nossa Imprensa, o ex-fotógrafo Anthony

Continua na página 2

Recepção ao novo Bispo — Um aspecto do cortejo ao passar na Ponte-praça

Continuação da primeira página

Armstrong Jones, actualmente conde de Snowdon, é acusado pela precipitada opinião pública britânica de viver ociosamente, à custa da lista civil da princesa Margarida. Ora isto não corresponde à verdade. Lord Snowdon é um infatigável trabalhador e exerce a sua profissão de sempre num grande jornal londrino, acontecendo até que lhe entregaram recentemente o cartão do Sindicato. Esfalfado, exausto, ofegante, penosamente vergado ao peso de absorventes afazeres, o laborioso Tony percebe, apenas, um ordenadozinho anual de 600 contos, que dificilmente lhe chega para o tabaco e não se compara aos rotundos proventos auferidos pelos venturosos artistas portugueses de fotografia...

Vieira Marques — que, no nosso prezado colega «Jornal de Notícias», vem fazendo notabilíssima crítica da Rádio e TV — insurge-se contra a maneira adoràvelmente livre como os locutores da Emissora Nacional do Quelhas pronunciam os vocábulos estrangeiros. Acontece, diz com inteira justiça o brilhante articulista portuense, que no mesmo noticiário ouvimos, por exemplo, acentuar o nome próprio *Gulbenkian* na última, penúltima ou antepenúltima sílaba, a claro bel-prazer dos locutores que intervêm na função.

Embora discordando de Vieira Marques, atrevemo-nos a realçar, nestas demonstrações do consabido espírito fantasioso dos locutores pátrios, um facto positivo: que é o da nossa emissora oficial não ser, ao fim e ao cabo, aquela cerrada e conformista instituição que todas as pessoas de bom gosto abominam. Cremos que em nenhuma das grandes emissoras de além-fronteiras haverá, como no Quelhas, tamanho e tão significativo à-vontade de pronúncia, certamente permitido em ordem a um propósito liberalizador que muito nos apraz registar.

Todos nós sabemos como, em alguns países menos evoluídos, são movimentadas e barulhentas as lutas eleitorais. Por via de regra, e ao que propalam os melhores magazines das Américas e das Inglaterras, os contendores acabam sempre por se abraçar alegremente, esquecendo as diatribes permutadas durante a campanha. Mas há fulanos levados dos diabos! E um deles é justamente o Padre Olívio Bertuol, bondoso vigário de Cotiporan, Porto Alegre, que, no fim das últimas eleições brasileiras, tomou uma atitude de discutível conteúdo cristão.

Os paroquianos que não votaram no candidato do reverendo Bertuol foram condenados, por este suave sacerdote, no pagamento de uma multa razoável — dois mil cruzeiros, os homens, e duas galinhas, as mulheres...

Morreu «Sparkie» Williams, encantador periquito que, num concurso promovido pela B. B. C., mostrou ser o maior palrador entre 3000 congéneres. Logo transformado em vedeta da Televisão e da Rádio, «Sparkie» participou em mil programas publicitários, deslumbrou públicos das mais diversas paragens, recebeu umas gordas libras para remuneração do seu trabalho e pagou, até, imposto de rendimento.

Expressando-se sempre com elegância e rigor verbal, «Sparkie», no auge da sua *forma*, chegou a recitar oito quadras seguidas, sem que a memória ou a língua o atraiçoassem. E as suas últimas palavras, já a um passo da morte, foram: *Gosto da mamã.*

Apresentamos as nossas condolências à família enlutada e oferecemos a outros periquitos nossos conhecidos o exemplo desta avezinha simpática, comedida, cuja palração fácil parece jamais ter degenerado no lugar-comum e na asneira.

Vamos terminar com uma história de amor — amor antigo, amor romântico, amor como já não há.

Uma senhora do Norte, dona de copiosos haveres, respondeu a um anúncio de casamento e não tardou a receber agradáveis cartinhas do Visconde de Banaberre, Grande de Espanha a férias em Portugal e proprietário de avultados bens em terras de Castela. No termo duma correspondência evidentemente castigadora, ao longo da qual o ilustre fidalgo incendiou à distância o coração da dama, realizaram-se alfim os primeiros encontros, òbviamente recheados de juras e promessas. — *Querida* — garantiu, emocionado, o ínclito descendente dos Cids e dos Laras — *casaremos quando eu cobrar trezentos e oitenta e sete contitos que andam pendentes de decisão judicial.*

Consideremos, entretanto, que estava o egrégio titular afeito às doces lides do cabaré e da estroinice, para o que naturalmente lhe escasseavam os tais contos arredios. Mas a generosa e apaixonada senhora não demorou a sossegá-lo: — *Escusas de te apoquentar, eu adianto o preciso.* E adiantou — primeiro uns cobrezitos, depois umas notitas, finalmente cinquenta e sete mil escudos, enquanto os vários «dancings» da cidade pasmavam e rejubilavam ante a sorridente munificência do aristocrata castelhano.

Que delícia de romance!

Num desavergonhado dia de Outono, porém, a verdade rebentou como às vezes rebentam os trovões no mais azul dos céus. O maravilhoso Visconde de Banaberre (quem diria, tão fino, com aquelas maneiras...) era afinal o cadastradíssimo Manuel Delgado, também conhecido por «Dr. Campos»; e as missivas que haviam iniciado o delirante drama tinham sido escritas da Cadeia de Monsanto, local aparentemente impropício à eclosão de paixões.

Minhas senhoras — cuidado com os viscondes. Além do resto, trata-se dum produto nitidamente fora do mercado, pelo que o aparecimento eventual de qualquer espécime deve ser imediatamente encarado como um caso de burla grosseira ou imitação pacóvia.

Zózimo Pedrosa

Jorge Mendes Leal

Abortou uma casa em Aveiro

Continuação da primeira página

cos, tantas vezes produto destrambelhado duma dessorada cultura burguêsmente envernizada, ou dum anquilosamento artístico fruto dum primitivismo de grupinhos provincianos.

Helder Bandarra, que «garatujando» com a pena já nos fazia lembrar o genial Dürer ou o inexcedível Duré, bastou-lhe um pincel, um único pincel, para que os trabalhos lhe saíssem num ritmo de represa que galgou todas (?) as comportas.

Jaime Borges, que começou por brincar com a cor, deu-se ao trabalho a sério. E aí temos uma novidade entre nós... Mas o público, que costuma ir ao cinema e vê arte, que vá ao Aveirense ver arte... e veja cinema... E vê-la-á!

— Mas, — dirão os Zoilos, abundantes como tortulhos em baldios e atrevidos como moscardos nocturnos em alimária em transes sonolentos, — mas que terra de artistas a nossa?

Num destes dias, ao presenciarmos os últimos dois filmes de Vasco Branco, cineasta amador já mundialmente premiado, não pudemos deixar de reflectir:

— Mas este artista, que escreve, que pinta, que filma, em tudo que faz nada mais parece fazer do que pintar! Ou melhor: sempre que algo faz, sempre o faz pintando!

Recordam-se de «Flávia»? Que magníficas aguarelas em tantas páginas! Nem Alberto de Sousa!

E quando maneja a câmara com um domínio técnico da melhor estética cinematográfica, ainda aí a objectiva é paleta...

Terras de mágicas cores que a luz exalta, aqui, em Aveiro, Taine terá razão: quem é artista é o meio!...

No Aveirense se farão, mais uma vez, mais estas exposições. Ainda bem que há em Aveiro um Aveirense... E agradeça-se ser quem é quem o dirige! Porque há campos para jogos (e bem!); porque há parque para diversões (e ainda bem!); por que não uma casa para a cultura e para a arte?

O assunto merece mais demorada atenção. Cite-se apenas, já agora a propósito deste do Aveirense e das Exposições, um outro exemplo.

Anda por aí um grupinho de «carolas» pela arte de Talma, os quais, mesmo sem meterem licença, já se atreveram a porem, sós, em pincaros dos pés, uma fita de glória na gloriosa bandeira do milenário burgo... Pois esses, para não morrerem na rua por não poderem nada fazer, andam de casa em casa a pedir onde trabalhar... E, vá lá, ainda bem que há em Aveiro um Galitos, uma Aleluia, um Aveirense!... Se não!...

Continuaremos!

Mário da Rocha

O Novo Bispo de Aveiro

Continuação da primeira página

que eram, simultâneamente, preito de admiração, de saudade e de júbilo, organizou-se um extenso cortejo de automóveis, que foi exemplarmente ordenado e guiado por brigadas motorizadas da Polícia de Viação e Trânsito.

A caminho de Aveiro

Acompanhado de Mons. Júlio Tavares Rebimbas, Vigário Geral da Diocese, o sr. D. Manuel de Almeida Trindade saiu de Coimbra pouco depois das 13 horas.

O luzido cortejo de automóveis teve a sua primeira paragem na Curia, limite sul da diocese aveirense, onde o ilustre Prelado, em breve e comovedora cerimónia, recebeu os cumprimentos do sr. Dr. António Fernando Marques, Governador Civil substituto, em exercício, do Distrito de Aveiro; dos Consultores Diocesanos; do Presidente da Câmara Municipal de Anadia; do Arcipreste e dos Párocos do Concelho; de muitas outras individualidades e de uma multidão enorme de povo.

Engrossou então o cortejo — e principiou a viagem triunfal através das terras do bispado: Malaposta, Sangalhos, Oliveira do Bairro, Silveiro, Oiã, Mamodeiro, Costa do Valado, S. Bernardo...

Todas as povoações do longo percurso se encontravam vistosamente engalanadas com bandeiras e damascos; as ruas estavam atapetadas de verduras e pétalas de flores; sucediam-se os dísticos de saudação: «Deus abençoe o novo Bispo»; «Saudamos o nosso Prelado»...; multidões incontáveis apinhavam-se nas estradas, agitando bandeiras, cantando em coro, lançando pétalas de flores e batendo palmas...

Por toda a parte a mesma alegria, o mesmo entusiasmo, o mesmo respeito, a mesma veneração. E por toda a parte os sinos das igrejas e das ermidas misturavam as suas alegrias às alegrias dos homens, das mulheres e das crianças.

Quem poderia prever que as exteriorizações do júbilo obrigariam a moderar o andamento dos automóveis, retardando de mais de uma hora a chegada do cortejo à cidade?

Entretanto, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho e daí até à Rua de Coimbra (o ilustre Prelado veio encontrar este nome querido numa das artérias da cidade...), na Praça Municipal e, daí, pela Rua dos Combatentes da Grande Guerra e de Santa Joana Princesa, até à Sé, comprimiam-se milhares de pessoas. Quantas? Um diário nortenho calculou «em mais de quarenta mil o número das pessoas que assistiram a este acto grandioso»; outros, porém, afirmam que aguardavam o cortejo mais de sessenta mil pessoas.

O certo é que a demora, não obstante o frio intenso que se fazia sentir, não arrefeceu o entusiasmo dos que esperavam: haveria, sem dúvida, algumas impaciências; mas estas mesmas eram mais ânsia de que surgisse o momento almejado, do que desconsolo pela incomodidade e queixume pela tardança.

A chegada a Aveiro

Eram 16 horas e 15 minutos quando o cortejo de automóveis chegou à Avenida do Dr. Lourenço Peixinho e o sr. D. Manuel de Almeida Trindade se aproximou do estrado onde o aguardavam as entidades oficiais — civis, militares e eclesiásticas.

Viam-se ali, entre muitos outros, os srs. Presidente da Junta Distrital, magistrados, delegados do I. N. T. P. de Aveiro e do Porto, representantes das câmaras municipais dos diversos concelhos da diocese, Director do Museu, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Presidente do Movimento Nacional Feminino, Comandante Militar, comandantes da Base Aérea, de S. Jacinto, da G. N. R., da G. F. e da L. P., Capitão do Porto de Aveiro, deputados da Nação, Reitor do Seminário de Santa Joana Princesa, directores de vários estabelecimentos de ensino, presidentes de organismos da Acção Católica... Desistimos de continuar, pois seriam fatais as indesejadas omissões, sempre arreliantes. Devemos apenas salientar que, pertencendo o sr. D. Manuel de Almeida Trindade ao corpo docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo-se revelado «um mestre de alta craveira intelectual», se encontravam também presentes muitos professores catedráticos das Faculdades de Letras, Direito, Medicina e Ciências.

O Bispo de Aveiro falando na Câmara Municipal

O que então se passou é indescritível. Das varandas dos prédios que ladeiam a Avenida, engalanadas com colgaduras, caíam incessantemente chuvas de papelinhos; e as aclamações entusiásticas da enorme multidão eram um coro imenso, cada vez mais vibrante.

Mal a Banda Amizade acabou de executar o hino do venerando Prelado, logo se ouviu uma ovação tão quente e prolongada que, para de algum modo a traduzir, só encontramos uma palavra: monstruosa.

Destaca-se uma nota enternecedora: o ilustre Bispo de Aveiro tinha junto de si a irmã, sr.ª D. Clementina de Almeida Trindade, o cunhado, sr. António Ferreira da Silva, e cinco sobrinhos, além de outros familiares, que assistiram com justificado contentamento à manifestação grandiosa.

Enquanto o sr. Dr. António Fernando Marques apresentava ao sr. D. Manuel de Almeida Trindade as mais destacadas figuras ali presentes, iniciava-se o desfile de um cortejo cívico em que se incorporaram milhares de pessoas e que atingiu cerca de dois quilómetros de extensão.

O cortejo cívico

O imponente cortejo, primorosamente orientado pelo sr. José Vieira Barbosa, dirigiu-se à Câmara Municipal, por entre alas compactas de povo, que se apinhava nas ruas e se debruçava das varandas e janelas.

Os sinos das igrejas da cidade repicavam festivamente; estralejavam os foguetes; ouviam-se estridências de clarins e acordes das bandas de música; multiplicavam-se os aplausos... e o cortejo ia desfilando — ordenado, compacto, alegre, policromo, deslumbrante.

Abriam-no, em formatura, muitos sargentos e soldados do Regimento de Infantaria 10, da Base Aérea de S. Jacinto e da Armada, numerosas representações da Escola Central de Sargentos (A'gueda), Guarda Nacional Republicana, Guarda Fiscal, Legião Portuguesa e Mocidade Portuguesa, e a Banda Amizade — seguindo-se-lhes os professores e alunos dos colégios diocesanos, os escuteiros, a Banda dos Bombeiros Voluntários de I'lhavo e as corporações dos Bombeiros de A'gueda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Estarreja, Amoníaco Português, I'lhavo, Vagos, Vista-Alegre, Companhia Portuguesa de Celulose, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro e a Companhia de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes», e a Banda de Música de Casal de Álvaro.

O Bispo de Aveiro e o Presidente do Município à saída da Câmara

Incorporaram-se também no cortejo inúmeras associações da cidade e de outros pontos da diocese: «Florinhas do Vouga», Creche de Angeja, patronatos do Bunheiro e de Travassô, Asilo Escola Distrital de Aveiro, crianças das escolas primárias e das catequeses — todos empunhando e agitando pequenas bandeiras, com as cores pontifícias, tendo impressas as armas do novo Prelado.

Logo em seguida, a Banda de Música da Branca e os grupos folclóricos, alguns envergando trajos do século XVIII, os ranchos de rapazes e raparigas, com as suas indumentárias características, e os alunos dos colégios de A'gueda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Bustos, Estarreja, Murtosa, I'lhavo, Oliveira do Bairro, Sangalhos, Famalicão e Aveiro, com a Banda de Música de Eixo.

Atrás destes, os alunos do Liceu Nacional, de capa e batina, e os da Escola Técnica, da Escola do Magistério Primário, do Instituto de Mogofores, dos seminários de Calvão e de Santa Joana Princesa, e a Banda de Música de Pardilhó.

Imediatamente depois, desfilavam as representações das Bandas de Música «Alba», de Angeja, «Amoníaco», de Canelas, de Fermentelos, «Visconde de Salreu» e de Sever; os clubes desportivos e associações de recreio, entre eles a Sociedade Recreio Artístico, o Clube dos Galitos, o Sport Clube Beira-Mar e o Sporting Clube de Aveiro; os Grémios, Sindicatos e Casas do Povo; uma deputação da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, outra da Casa dos Pescadores e a Banda de Música «Indústria Vouga».

Seguiam-se os Pagens da Santa Joana Princesa, as Conferências Vicentinas, as associações religiosas, os diversos organismos da Acção Católica e a «Casa do Sagrado Coração de Jesus».

Esta parte do cortejo, animada por inúmeros estandartes, guiões e pequenas bandeiras, desfilou até ao Largo do Milenário — enquanto a parte final ia postar-se em frente dos Paços do Concelho.

Quando o cortejo atingiu a Ponte-praça e entrou na Rua de Coimbra, de um arco triunfal ali levantado e constituído por «magyrus» dos Bombeiros Voluntários citadinos, foram lançados sobre ele e, especialmente, sobre o novo Prelado milhares e milhares de papelinhos — homenagem que se repetiu nas Ruas de Coimbra, dos Combatentes da Grande Guerra e de Santa Joana Princesa.

Ao chegar à porta da «Domus Municipalis», os sinos da Câmara repicaram festivamente, a Banda Amizade tocou o «Hino da Cidade» e o sr. Bispo de Aveiro foi cumprimentado pelo Presidente da Câmara, sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas, e pelos vereadores — que o acompanharam ao salão nobre, por entre alas de Bombeiros, postados nas escadarias, que prestava a «guarda de honra».

A sessão solene

O salão nobre dos Paços do Concelho, sòbriamente decorado, tendo no topo as bandeiras Nacional e da Cidade, oferecia um espectáculo deslumbrante — repleto de senhoras e de pessoas qualificadas, tanto de Aveiro como de fora.

Assumiu a presidência o Governador Civil substituto, em exercício, ladeado pelos Presidente e Vice-presidente da Câmara, pelos vereadores e pelo Vigário Geral da Diocese, encontrando-se em lugar destacado o sr. D. Manuel de Almeida Trindade, que foi recebido com uma quente ovação.

Nas cadeiras da frente sentavam-se um Prelado do Brasil, o sr. D. Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo de Belém do Pará, professores catedráticos da Universidade de Coimbra, revestidos das suas insígnias doutorais, o sr. Cónego Dr. Brito Cardoso, em representação do sr. Bispo-Auxiliar de Coimbra, e o sr. Dr. Manuel Lousada, dias antes nomeado Governador Civil de Aveiro, que ontem tomou posse das suas novas funções.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas. Lastimamos não ter presente o magnífico discurso do ilustre Presidente do Município, cuja actividade prestimosa tanto dignifica a cidade e o concelho e que soube, uma vez mais, traduzir com fidelidade os sentimentos da população aveirense.

O sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas cumprimentou, respeitosa e jubilosamente, o sr. D. Manuel de Almeida Trindade, em nome da Câmara Municipal a que preside e no de toda a população do concelho.

S. Ex.ª Rev.ma seria, sem dúvida, um digno continuador da obra iniciada pelo saudoso e inesquecível D. João Evangelista de Lima Vidal e prosseguida pelo malogrado D. Domingos da Apresentação Fernandes, que

Continua na página 4

O NOVO BISPO DE AVEIRO

Conclusão da terceira página

enobreceram a Sé de Aveiro.

Fez, em seguida, o elogio das altas qualidades intelectuais e morais do novo Prelado, douto catedrático e erudito escritor, eminente sacerdote e extraordinário orientador de consciências — e manifestou o grande júbilo dos aveirenses por lhes ter sido dado como Bispo um homem de tão invulgares predicados.

Assegurou ao sr. D. Manuel de Almeida Trindade a franca e leal colaboração do Município e lembrou os mais ardentes votos por um longo e fecundo apostolado do Antístite venerando, tão digno da admiração, do respeito e do auxílio de todos os aveirenses.

Em nome dos restantes concelhos da diocese, falou em seguida o sr. Dr. António Fernando Marques, que disse o seguinte:

«Certamente me será permitido, em nome dos outros concelhos da diocese, juntar aqui uma palavra — embora desajeitada e pobre — ao coro que se ergue a Deus neste momento a agradecer a graça de nos ter dado um Pastor.

E se a Cristandade se alegra por contar na longa teoria dos seus prelados mais um Bispo, exulta a diocese aveirense por ser ocupada a sua Sé episcopal — tantos meses deserta e fria — por destacada figura da Igreja e alto valor do pensamento contemporâneo.

Por todo esse país da Ribeira-Vouga, das dunas e das ínsuas, das terras altas e das gândaras bairradinas vai um sopro de júbilo e uma aragem de esperança. Repicam os sinos, entre hosanas e delírios, a saudar o que vem — como na palavra do Evangelho da missa de hoje — a indireitar os caminhos do Senhor.

Alegram-se os sinos das igrejas e ermidas, como ontem choraram o saudoso D. João Evangelista e, ainda não calados os ecos, dobraram tristemente pelo malogrado D. Domingos da Apresentação.

Sempre a voz do sino a traduziz as galas e os lutos, as alegrias e as amarguras, as esperanças e os desesperos...

Tangem agora alegremente pelo advento do Bispo e, quiçá, pelo advento de um mundo novo — mundo que o homem procura e não acha por ter apagado a imagem d'Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida!

Efectivamente, o arruinado mundo dos nossos dias, despedaçado na luta sangrenta das nações, das classes e dos indivíduos, inclinado à suspicácia e ao ódio, roído de conflitos internos — traduz o resultado de um largo processo histórico que, separando o homem do centro espiritual da vida ao afastá-lo de Deus, leva à negação do próprio homem, dado que «não havendo Deus não existe o homem (que não é corpo apenas, mas também, e fundamentalmente, alma).

Em toda esta idade moderna, a sociedade tem vindo a ser minada por uma série de minas interiores, invadida por uma ideologia perigosa e regressiva, dominada pela força bárbara do cáos. Em mais de uma centena de anos, o homem não fez senão soblevar-se contra o homem e a classe rebelar-se contra a classe, reduzindo o mundo a uma organização inferior de meros fins materiais.

Porém, no fundo da nossa consciência, sentimos que começa a alvorecer uma nova idade. Os movimentos mais íntimos da sociedade indicam que o homem anseia por libertar-se das cadeias de um pensamento exclusivamente racionalista e ateu. Assim, o mesmo materialismo que submeteu a alma e conduziu o homem actual à condição de massa amorfa e indefesa, manejada ao arbítrio de guias irresponsáveis, está despertando e chamando as forças opostas, no sentido de uma necessária hieraquização dos valores morais e espirituais.

Julgo desnecessário ser profeta para descobrir que o falso humanismo dos nossos dias, nada tendo de ontológico, se encontra condenado a desaparecer — e que o homem actual, ao sentir-se exposto a um perigo, desperte e reaja como pessoa, inclinando-se definitivamente para os valores intrínsecos que o convidam a transcender-se.

Mas daqui até lá, até que o dia nasça outra vez, será por certo ainda longa a noite. Entretanto, só teremos por segura referência as estrelas, a marcarem o caminho, e a voz dos pastores, a transmitir a palavra de Deus para que o rebanho se não transvie.

V. Ex.ª Rev.ma, Senhor Bispo de Aveiro, é, indiscutivelmente, luzeiro a apontar a rota e arauto da esperança desse almejado e admirável mundo novo.

Até que termine a noite, não será, porventura, fácil nem cómodo o munus de V. Ex.ª Rev.ma, num tempo que a muitos se afigura, efectivamente, de transição e viragem.

Pesada é a cruz do Bispo; no momento em que V. Ex.ª Rev.ma inicia a maravilhosa aventura — a caminhada de autenticidade cristã em terras da Sua diocese — possa eu ser um humílimo Simão de Cirene a ajudar, de algum modo, a transportar a sua cruz, embora saiba que não lhe falta, para isso, a força da fé, que remove montanhas, nem o calor, o zelo e as virtudes de uma alma de apóstolo.

Que seja longo e fecundo o apostolado de V. Ex.ª Rev.ma neste pedaço de uma Nação que nasceu, cresceu e se engrandeceu sob o signo da Cruz; de uma Nação a quem Deus entregou a glória de implantar o sinal de Cristo em todas as encruzilhadas da terra».

A distinta assistência sublinhou com fartos aplausos as palavras dos srs. Eng.º Henrique de Mascarenhas e Dr. António Fernando Marques — e ouviu depois, em impressionante silêncio, o agradecimento do sr. Bispo de Aveiro.

Num curto e brilhante improviso, o sr. D. Manuel de Almeida Trindade confessou-se emocionado perante a grandiosa manifestação de apreço que recebera e se continuara nas palavras que acabara de ouvir, ecos dos sentimentos do povo da Cidade de Aveiro e de toda a Diocese.

Mas as palmas e as aclamações não seriam para ele, que pessoalmente nada valia, mas para a Igreja, que é o que nele vale.

Afirmou depois que nunca lhe fora tão fácil um acto de humildade como naquela ocasião, em que sentia nitidamente a deproporção entre as suas possibilidades e as aclamações e provas de carinho com que fora recebido. E acrescentou: «Vim para Aveiro para me dar. Servir a Igreja foi sempre a ideia que me guiou, desde que meus pais me enviaram para o Seminário. Venho, assim, para Aveiro para me dar inteiramente e poder descansar um dia — que será quando Deus quiser — em paz ao lado dos meus dois antecessores».

O sr. D. Manuel de Almeida Trindade, emocionadíssimo, terminou as suas palavras exprimindo o desejo de que os seus diocesanos, padres e leigos, fossem os cireneus do Bispo de Aveiro, ajudando-o a levar a sua cruz.

A assistência ovacionou demoradamente o ilustre Prelado.

Na igreja da Misericórdia

Finda a sessão solene de boas-vindas, o sr. D. Manuel de Almeida Trindade dirigiu-se à igreja da Misericórdia.

A gente que se aglomerava junto dos Paços do Concelho continuou a distingui-lo com as mais vivas demonstrações de respeito e de simpatia.

A' entrada da igreja, o venerando Prelado foi recebido pelo Provedor da Santa Casa da Misericórdia, sr. Eng.º Manuel Pontes, pela Mesa Administraiiva e pelo capelão, sr. Padre António Augusto de Oliveira.

Depois de paramentado naquele templo, o sr. D. Manuel de Almeida Trindade seguiu, noutro cortejo luzidíssimo, para a Sé, pelas ruas dos Combatentes da Grande Guerra e de Santa Joana Princesa, onde se renovaram as manifestações de apreço e de simpatia.

A caminho da Sé

O novo cortejo, continuação do anterior, abria por longas alas de seminaristas e de sacerdotes, seguindo-se-lhes diversos dignitários da Igreja e, em lugar destacado, o sr. D. Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo de Belém.

Sob o pálio, a cujas varas pegavam as mais representativas autoridades aveirenses, caminhava o sr. D. Manuel de Almeida Trindade, revestido das suas vestes pontificais.

Logo atrás, os professores catedráticos da Universidade de Coimbra, com os seus capelos e borlas de variadas cores: os srs. Doutores João da Providência Sousa Costa, Torquato Brochado de Sousa Soares, José Gonçalo Herculano de Carvalho e Manuel de Paiva Boléo, da Faculdade de Letras; Guilherme Braga da Cruz, Afonso Rodrigues Queiró e Mário Júlio Brito de Almeida Costa, da Faculdade de Direito; João Maria Porto, Ibérico Nogueira e Tavares de Sousa, da Faculdade de Medicina; e António Jorge Andrade de Gouveia, Luís de Melo Vaz de Sampaio, Almeida Santos e Correia Neves, da Faculdade de Ciências.

Seguiam-se-lhes as autoridades distritais e concelhias, as câmaras municipais dos diversos concelhos da diocese, as misericórdias, as juntas de freguesia, os convidados de outras dioceses, a Banda de Música de Travassô, as comunidades religiosas, as auxiliares hospitalares, a direcção da «Obra de Santa Zita», a Banda de Música da Vista-Alegre, a Polícia de Segurança Pública e, por fim, uma enorme multidão de povo, que parecia interminável.

Das sacadas e janelas, ornamentadas com colgaduras, continuavam a cair sobre o venerando Prelado chuvas de papelinhos e de pétalas de flores, agora avivadas pelas luzes da iluminação pública e das casas particulares, que se encontravam acesas.

Na Sé Catedral

Na Praça do Milenário e no Adro da Sé, os que tomaram parte no cortejo cívico e ali couberam, abriram alas para dar passagem ao venerando Prelado e às autoridades que, desde a igreja da Misericórdia, o acompanharam.

A Sé-Catedral, vistosamente ornamentada, encheu-se por completo—ocupando as autoridades, os professores universitários e o clero (entre este encontrava-se Mons. Avelino Gonçalves, director das *Novidades*, que representava também Mons. Moreira das Neves) os lugares que lhes foram destinados.

Na Igreja-Mãe de todas as igrejas da diocese, terminada a orfandade em que viveu, reboavam agora os cânticos de alegria, anunciando a chegada do novo Pastor: *Ecce Sacerdos Magnus!*

O sr. Padre Dr. Abreu Freire, vice-presidente do corpo de Consultores Diocesanos, iniciou as imponentes cerimónias litúrgicas com a leitura da bula pontifícia que nomeia o sr. D. Manuel de Almeida Trindade Bispo de Aveiro.

A saudação pastoral

Em seguida, o ínclito Prelado dirigiu aos seus diocesanos a sua primeira saudação pastoral, que foi escutada no mais religioso silêncio — um silêncio, simultâneamente, de espectativa e de respeito e, logo depois, de simpatia e de admiração.

A oração, profunda e simples, douta e luminosa, do sr. D. Manuel de Almeida Trindade, foi integralmente publicada nas *Novidades*, do dia 24 de Dezembro, e em *A Voz*, do dia imediato — e por certo a publicará também o *Correio do Vouga*.

Impossibilitados, pela força das circunstâncias, de reproduzi-la, como tanto desejávamos, limitamo-nos a transcrever a sua parte final:

«Meus senhores: Já lá vão mais de três meses desde o dia em que, surpreendido, recebi a notícia oficial de que Sua Santidade João XXIII me havia nomeado Bispo de Aveiro. Era o dia litúrgico da degolação de S. João Baptista. Ao ler o Breviário desse dia, fui impressionado por estas palavras das lições de Matinas:

«Foi-me dirigida — é Jeremias que fala — a palavra do Senhor nestes termos: antes que eu te formasse no ventre de tua mãe, te conheci; e, antes que tu saísses do seu seio, te santifiquei e te estabeleci profeta entre as nações. E eu disse-lhe: — Ah, ah, ah, Senhor Deus! Tu bem vês que eu não sei falar, porque sou um menino. E o Senhor disse: — Não digas: sou um menino; porquanto a tudo o que te enviar irás; e dirás tudo o que eu te mandar. Não tenhas medo, porque eu sou contigo para te livrar — diz o Senhor. Em seguida, o Senhor estendeu a mão e tocou-me na boca e disse-me: — Eis que eu pus as minhas palavras na tua boca; eis que te constituí hoje sobre as nações e sobre os reinos para arrancares e destruires, para arruinares e dissipares, para edificares e plantares. Tu, pois, cinge os teus rins e levanta-te, e dize-lhes tudo o que eu te mando. Não temas diante deles, porque eu farei que tu não temas a tua presença. Porque eu estabeleci-te hoje como uma cidade fortificada, e como uma coluna de ferro, e como um mudo de bronze sobre esta terra, em prol dos reis de Judá, dos seus príncipes, dos seus sacerdotes e do seu povo».

Será ousadia e temeridade da minha parte ver na coincidência a resposta da Providência aos meus temores e perplexidades?

Creio ter dito tudo quanto importava dizer aos homens neste momento. Que a minha última palavra, senhores, seja aquela que sempre e agora é a primeira palavra do meu coração: «Te Deum laudamus, te Dominum confitemur».

Foi, em seguida, cantado um solenissimo *Te-Deum* — e com ele terminou a imponente cerimónia religiosa.

...Mas não terminaram ainda as manifestações de respeito, de simpatia e de admiração, que constantemente chegam de todos os lados — e que o *Litoral* continuará também no seu próximo número.

A. C.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	AVEIRENSE
Domingo	SAÚDE
2.ª feira	OUDINOT
3.ª feira	MOURA
4.ª feira	CENTRAL
5.ª feira	MODERNA
6.ª feira	ALA

Governador Civil de Aveiro

Em cerimónia que ontem se realizou em Lisboa, no Ministério do Interior, tomou posse do cargo de Governador Civil de Aveiro, para que foi recentemente nomeado, como aqui noticiámos, o sr. Dr. Manuel Ferreira dos Santos Lousada.

Esta tarde, pelas 15.30 horas, no salão nobre do Governo Civil, efectua-se uma sessão para transmissão de poderes ao novo Chefe do Distrito.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 21, procedente de Faro, entrou o galeão-motor *Primos*, com um carregamento de sal.

★ Em 23, vindo de Setúbal, demandou a barra o galeão a motor *Praia da Saúde*, com cimento, e saiu para o Porto, em lastro, o galeão *Primos*.

★ Em 26, com destino ao Porto, saiu o galeão a motor *Praia da Saúde*.

41.º Aniversário do Beira-Mar

Na próxima terça-feira, 1 de Janeiro, o prestigioso Sport Clube Beira-Mar completa o quadragésimo primeiro aniversário da sua fundação.

Assinalando a passagem daquela data, efectua-se, de manhã, uma romagem de saudade aos cemitérios citadinos, após uma cerimónia, na sede, para hasteamento da bandeira da popular colectividade.

A' tarde, no Estádio de Mário Duarte, realiza-se um desafio de futebol amistoso, em que serão adversários o actual *team* de honra do Beira-Mar e um grupo formado por antigos futebolistas beiramarenses. Nesta equipa, alinharão, possivelmente: Bastos e Diego, do Atletico; Garcia, do Belenenses; Marçal e Azevedo, do Leixões; Paulino, do Vitória de Guimarães; Coutinho, do Marinhense; Raimundo, do Sporting; Bártolo, do Salgueiros; Calicchio, treinador do Académico de Viseu; «Berna», Lemos e Mota — entre outros.

Festas da Passagem do Ano

No Teatro Aveirense

No já habitual *Réveillon* no Teatro Aveirense, o Baile da Passagem do Ano terá o concurso das excelentes orquestras Aloma, de Aveiro, e Sousa Galvão, do Porto.

No Galo d'Ouro

No Restaurante Galo d'Ouro, a Noite de S. Silvestre será comemorada, como nos anteriores anos, com uma ceia, no decurso de um baile em que actuará a Orquestra Ibéria, desta cidade.

Na Costa Nova

Uma comissão de ilhavenses promove, este ano, no Casino Beira-Ria, da Costa Nova do Prado, um *Réveillon* em que colabora o Conjunto Danúbio, revertendo a respectiva receita para o Illiabum Clube.

Letras perdidas

António Rodrigues Soares, de Cacia, perdeu duas letras, de seu aceite, da taxa, cada uma delas, de 20$00.

Pede que ninguém as transaccione e a quem as tenha encontrado o favor de lhas devolver. Gratificará.

cartões de visita

FAZEM ANOS

Hoje, 29 — As sr.as D. Isolina Dias Rodrigues Leitão, esposa do nosso apreciado colaborador Dr. Humberto Leitão, D. Maria das Dores Tavares, esposa do sr. Darlindo Tavares, D. Maria Cacilda dos Santos Silva e D. Benedita Vieira Decrook, ausente em Luanda; e o sr. Duarte Augusto Duarte.

Amanhã, 30 — A sr.ª D. Maria Adosinda Ferreira de Andrade Veiga, esposa do Inspector Administrativo sr. Virgílio Veiga; os srs. Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu Nacional de Aveiro, Eng.º Casimiro de Almeida Azevedo Sacchetti, Artur Maia Ferreira Leite, Adriano José Robalo de Almeida e José da Naia e Pinho; a menina Maria Helena, filha do sr. Jorge de Andrade Pereira da Silva; e os meninos Luís Fernando Ferreira Monteiro Rebocho, filho do sr. Tenente Jacinto Rebocho, e António Manuel Soares de Pinho, filho do sr. José da Naia e Pinho.

Em 31 — A sr.ª D. Alice de Jesus Fernandes Praça, esposa do sr. Ernesto Júlio Rodrigues Praça; e os srs. Sargento Alberto Voz Pinto e Manuel Carlos do Vale Guimarães e Oliveira.

Em 1 de Janeiro de 1963 — As sr.as D. Júlia Seabra Cancela Duarte, esposa do sr. Severim Duarte, e D. Olímpia Neto, esposa do sr. António Gomes Patarrana; e a prof.ª sr.ª D. Maria Deolinda Martins de Carvalho, filha do sr. José Miguel Pires de Carvalho.

Em 2 — As sr.as D. Alice da Silva Pinho Seiça Neves, esposa do sr. Dr. Fernando Alberto Curado Seiça Neves, D. Carmen de Seabra Ferreira Neves, esposa do sr. prof. Severiano Ferreira Neves, D. Aurora de Jesus Reis, prof.ª D. Maria Susana Branco Pinto Barbosa, esposa do sr. Manuel Alves Barbosa, D. Maria da Conceição de Melo Vilhena, e D. Maria Carolina Barroso de Vilhena, esposa do sr. Firmino de Vilhena Camelo Ferreira; os srs. Cesário da Graça e Melo, e Horácio Andrade de Carvalho; e o menino José Luís, filho do sr. José Vieira da Maia Romão.

Em 3 — Os srs. Dr. Joaquim Henriques, Dr. Fernando Calisto Moreira, e Baptista de Jesus dos Santos; as meninas Maria da Conceição Casal de Carvalho, filha do sr. João Evangelista Andrade de Carvalho, ausentes em Luanda, e Laura dos Santos Travesso, filha do saudoso Ricardo André Travesso; e os meninos José Luís Cabaço dos Reis de Oliveira, filho do sr. Carlos dos Reis de Oliveira, Joaquim Manuel, neto do sr. Joaquim António Vieira, e António André Nunes.

Em 4 — A sr.ª D. Lígia Pataílo da Cruz Brandão, esposa do Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra sr. Doutor Mário Brandão; os srs. Firmino de Vilhena Camelo Ferreira e Carlos Pimentel de Matos, aveirense ausente na cidade de Sobral (Ceará — Brasil); e o menino Mário José, filho do sr. Mário Artur Rebelo de Almeida Araújo.

CASAMENTO

No passado dia 16 do corrente, realizou-se, na freguesia da Vera-Cruz, o casamento da sr.ª D. Maria do Céu de Pinho Vinagre com o 1.º Sargento sr. Augusto Pinho das Neves.

Apadrinharam o acto a sr.ª D. Maria do Céu Lemos e o sr. Pedro Lemos.

Ao novo lar desejamos as maiores felicidades

DOENTE

Já se encontra em Aveiro, depois do seu internamento no Hospital do Carmo, o nosso amigo sr. Antero dos Santos.

PARA INGLATERRA

No dia 25 do corrente, seguiu para Inglaterra, a fim de ali se especializar em porcelanas, o sr. Gervásio Aleluia Lapa de Oliveira, filho da sr.ª D. Elisete Aleluia Lapa de Oliveira e do sr. Dr. Lapa de Oliveira.

Desejamos-lhe os melhores êxitos nos seus estudos.

Agradecimento

Olinda Miguéis Ferreira da Maia, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem, por este meio, agradecer muito reconhecida, a todas as pessoas que tiveram a bondade de se interessar pela sua saúde, quando esteve internada no Hospital desta cidade.

Aveiro, 27/12/62

Agradecimento

Maria Alice Maia Pereira e Agostinho Pereira vêm por este meio, muito reconhecidos, agradecer a quem se interessou pela doença da sua querida mãe e sogra e bem assim a quem assistiu ao seu funeral.

Notariado Português

Cartório Notarial do Conselho de Ilhavo, com sede na vila, á rua de Cimo de Vila, número dois.

Certifico que, por escritura de quinze de Dezembro de mil novecentos e sessenta e dois, lavrada de folhas trinta e sete verso a quarenta, do Livro para escrituras diversas número vinte e três, do Cartório Notarial de Ilhavo, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada entre Lourenço Martins Morais e Albino Barbosa Miraldo, nos termos dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de *Sociedade dos Vinhos Vale da Rama, Limitada*, tem a sua sede na freguesia de Aradas do concelho de Aveiro e durará por tempo indeterminado, com início em dois de Janeiro de mil novecentos e sessenta e três;

Segundo — O seu objecto é o comércio e exploração vinícola, bem como qualquer outro ramo em que os sócios acordem e não seja proibido por Lei;

Terceiro — O capital social é de cinquenta mil escudos, está integralmente realizado, em dinheiro, e correspondendo á soma de duas quotas de vinte e cinco mil escudos cada uma, pertencendo uma a cada sócio;

Quarto — Não serão exigíveis prestações suplementares, mas os sócios poderão fazer á sociedade, nos termos em que acordarem, os suprimentos de que ela carecer;

Quinto — A cessão de quotas, no todo ou em parte, é sempre permitida entre os sócios, mas não poderá verificar-se em relação a terceiros sem consentimento expresso da sociedade, á qual é reservado, em todos os casos, o direito de preferência.

Parágrafo Primeiro — Não querendo a sociedade preferir, pertencerá esse direito, individualmente, a cada um dos sócios.

Parágrafo Segundo — Para poderem exercer, querendo, este direito, a sociedade e os sócios serão notificados, com a antecedência de trinta dias, por meio de cartas registadas, com aviso de recepção;

Sexto — A sociedade não se dissolverá pela morte ou interdição de qualquer sócio, continuando com os sobreviventes ou capazes e os herdeiros ou representantes do interdito, mas representados por um só deles.

Parágrafo Primeiro — Enquanto estes não escolherem o seu representante, a sociedade será gerida ùnicamente pelos sobreviventes ou capazes.

Parágrafo Segundo — Se os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito não quiserem continuar na sociedade, poderá esta, e, depois dela, qualquer dos sócios, adquirir-lhes a quota respectiva pelo valor resultante do balanço a que então se procederá.

Sétimo — A administração da sociedade e a sua representação, em juizo e fora dele, activa e passivamente, pertencerão a ambos os sócios os quais ficam nomeados gerentes, de direito e de facto, com ou sem remuneração, e com as atribuições que lhes forem destinadas em assembleia geral.

Parágrafo Primeiro — Para obrigar a sociedade em quaisquer actos ou contratos, é necessária a intervenção de ambos os gerentes.

Parágrafo Segundo — É expressamente proibido o uso da denominação em documentos estranhos á sociedade, nomeadamente em letras de favor, fianças e abonações;

Oitavo — Os balanços serão anuais e encerrados com referência a trinta e um de Dezembro de cada ano, e os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva, serão repartidos pelos sócio na proporção das suas quotas;

Nono — As assembleias gerais, para que a lei não determine prazos ou formalidades especiais serão convocadas por qualquer gerente, mediante cartas registadas dirigidas aos sócios, expedidas com a antecedência mínima de quinze dias e com a indicação dos assuntos a tratar;

Décimo — No mais aqui não previsto regularão as disposições legais aplicáveis e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

É certidão narrativa, que fiz extrair e vai conforme ao original e, na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

ILHAVO e Cartório Notarial, dezanove de Dezembro de mil novecentos e sessenta e dois.

O Ajudante do Cartório,

Joaquim do Amaral Ferreira da Silva

Festas da Quadra de Natal

★ Da P. S. P.

A exemplo dos anos anteriores, a P. S. P. de Aveiro realizou, na tarde da penúltima quinta-feira, dia 20, a festa de Natal do Filho do Guarda.

Precedendo o seu início, efectivou-se uma breve sessão, presidida pelo Comandante-interino da P. S. P., sr. Tenente Januário Rodrigues Pereira, e na qual usaram da palavra o Comissário da P. S. P., sr. José Fernandes da Silva, e o sr. Tenente Rodrigues Pereira — ambos destacando o significado da festa, que se realizou na ampla sala de instrução e recreio do Comando, onde haviam sido armados um *Presépio* e uma *A'rvore de Natal* sob orientação dos guardas srs. José Monteiro e Manuel Oliveira.

A festa principiou com a distribuição de brinquedos e peças de vestuário a cerca de 160 crianças — a que, a seguir, foi oferecida uma abundante merenda, em que igualmente confraternizaram os guardas e seus familiares.

A encantadora festa foi promovida pelos srs. Comissário Fernandes da Silva, Chefe António Queirós, Subchefe-ajudante Virgílio Simões e José Miranda Barreto, que não se pouparam a esforços para o seu bom êxito.

★ Da «Sacor»

No Teatro Aveirense, na penúltima sexta-feira, dia 21, efectuou-se uma interessante festa de Natal, oferecida pela *Sacor* aos empregados, operários do seu Parque de Aveiro e respectivas famílias.

De Lisboa, vieram assistir à festa o Director Administrativo da *Sacor* sr. José Raul da Graça Mira, e os directores comerciais srs. José Júlio Oliveira Baptista e José de Quintana, que foram recebidos pelos srs. Eng.º António Malheiro Sarmento e António Duarte de Almeida Franco, respectivamente Superintendente e Chefe do Parque da *Sacor* nesta cidade.

No salão de festas do *Aveirense*, realizou-se um almoço de confraternização dos dirigentes da *Sacor* com o pessoal e seus familiares. Esteve presente, ainda, o médico da importante empresa, sr. Dr. Fernando Maia Neto.

No momento dos brindes, falou o sr. Graça Mira, representando a Administração da *Sacor*, para relevar o significado da festa.

A seguir, foram distribuidos brinquedos e diversos brindes pelos filhos dos empregados e operários da *Sacor*. E, por fim, foram exibidos alguns filmes, no decurso de uma agradável e interessante sessão cinematográfica.

★ Da Companhia Portuguesa de Celulose

A já tradicional festa que a Companhia Portuguesa de Celulose promove na quadra natalícia revestiu-se, este ano, de moldes diferentes das que a precederam.

Efectuou-se nas próprias instalações daquela empresa, em Cacia, na tarde de sábado passado, dia 22, e teve a presença do Presidente do Conselho de Administração da Celulose, sr. Eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho.

Após diversas cerimónias preliminares, designadamente uma solta de pombos-correios, realizou-se uma sessão solene, no refeitório da Celulose. Na mesa de honra, viam-se, além do sr. Eng.º Rodrigues de Carvalho, os srs.: Dr. Fernando Marques, Governador Civil Substituto, em exercício, e Dr. Fernando Corte-Real, Delegado em Aveiro do I. N. T. P., e Mons. Aníbal Ramos, que representava o sr. Governador do Bispado de Aveiro.

Usaram da palavra o sr. Dr. José Carlos Ribeiro, que presidiu à Comissão da Festa, e falou do seu significado e das características de que a mesma este ano se revestiu, e o sr. Eng.º Rodrigues de Carvalho.

A seguir, foram entregues os prémios dos concursos artísticos e literários promovidos pela Companhia de Celulose, e distribuiram-se brindes, brinquedos e agasalhos aos filhos dos empregados e operários da empresa.

Por último, realizou-se uma sessão de variedades, dedicada às crianças, em que actuou o trio de palhaços Nany, Gabrielito e Popof.

Entretanto, e após visita ao *Presépio* e à *Arvore de Natal*, os convidados de honra e o sr. Eng.º Rodrigues de Carvalho procederam à inauguração da exposição dos trabalhos reunidos nos concursos já referidos.

★ No Quartel de Infantaria 10

● O Comando do Regimento de Infantaria N.º 10 reuniu, no último sábado, no seu quartel, os filhinhos dos oficiais, sargentos e praças, aos quais distribuiu numerosos agasalhos e brinquedos.

Às praças foram servidos, no mesmo dia, almoço melhorado e uma ceia de Natal.

● Conforme oportunamente anunciámos, realizou-se em Aveiro uma festa natalícia dedicada às famílias de militares em serviço no Ultramar.

A enternecedora iniciativa da Comissão Distrital de Aveiro do Movimento Nacional Feminino merecer-nos-á, no próximo número, desenvolvida referência.

★ Da Legião Portuguesa

No edifício do Comando do Terço Independente de Aveiro, realizou-se, na tarde do passado dia 23, uma festa legionária comemorativa da Quadra do Natal, com distribuição de um lanche, brinquedos e guloseimas a mais de 200 crianças filhas de legionários do Terço.

A festa, que se prolongou com uma sessão de cinema, será remotada no dia de Reis, com distribuição de roupas e calçado a filhos de legionários mais necessitados.

LEGENDAS

AO ALTO DA PÁGINA — *Dois aspectos da festa da Celulose: o sr. Dr. José Carlos Ribeiro proferindo o seu discurso; e uma fase da actuação dos palhaços.*

EM BAIXO — *Dois momentos da festa da Sacor: na entrega de prendas, o sr. Graça Mira dá ao menino João Miguel Correia de Almeida os brinquedos que lhe couberam; e um grupo de todas as crianças que receberam presentes.*

Câmara Municipal de Ílhavo

AVISO

A Câmara Municipal do Concelho de Ílhavo faz público que, por deliberação deste Corpo Administrativo do dia 17 do corrente mês de Dezembro, se acha aberto concurso documental pelo espaço de TRINTA DIAS a contar da publicação do presente aviso no Diário do Governo, para o provimento por contrato do lugar de Engenheiro Civil do quadro dos Serviços Especiais desta Câmara, que se encontra vago pela rescisão, a seu pedido, do contrato com o anterior serventuário, a que corresponde o vencimento mensal de 4.000$00.

Os concorrentes deverão apresentar na Secretaria desta Câmara, dentro do referido prazo, o seu requerimento escrito pelo próprio e com a assinatura devidamente reconhecida, acompanhada da pública forma da carta do curso e dos documentos referidos nos n.ºs 1.º a 8.º do artigo 460.º do Código Administrativo.

Paços do Concelho de Ílhavo, aos 18 de Dezembro de 1962

O Presidente da Câmara,

José Cândido Vaz

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúcio

Pelo 1.º Juízo de Direito da Comarca de Aveiro e 2.ª Secção de Processos, pendem uns autos de falência da Drogaria de Aveiro, L.da, que teve a sua sede nesta cidade de Aveiro, e, por apenso a estes, uns de prestação de contas em que é requerente Manuel da Cruz e Sousa, administrador da massa falida, e, nos mesmos autos, correm éditos de 8 dias notificando os credores e a falida, para, dentro de 5 dias a contar da publicação deste anúncio, dizerem àcerca delas.

Aveiro, 17 de Dezembro de 1962

O Escrivão de Direito,

João Alves

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Vila Nova

Secção dirigida por

António Leopoldo

DESPORTOS

Campeonato Nacional da II Divisão

Resultados do Dia:

Académico — Leça 0-0
Oliveirense — Covilhã 0-0
Espinho — Marinhense. 3-1
Salgueiros — Braga 3-4
Vianense — Boavista 4-0
Varzim — Sanjoanense 5-1
Castelo Branco — Beira-Mar . . . 1-3

Breve Comentário

Reatada a competição, no passado domingo, assinalou-se que houve sensível mexida na tabela classificativa, nos postos da frente.

Assim, exactamente. Os serranos, mesmo com o excelente (mas lisonjeiro...) nulo que obtiveram em Azeméis, deixaram que o Beira-Mar se isolasse no segundo lugar, baixando à terceira posição.

Registada esta ocorrência, as honras do dia couberam aos beiramarenses — mercê do seu oportuno, magnífico e moralizador êxito em Castelo Branco. Os amarelo-negros mantiveram, assim, a sua invencibilidade e a distância que os separa do leader.

O Braga foi feliz vencedor, no Porto, do «lanterna-vermelha»; e o Leça, em Viseu, impôs uma igualdade ao Académico. Ambos, portanto, se notabilizaram — já que sempre satisfaz trazer pontos no activo aos grupos que se deslocam. É de notar, porém, que o Salgueiros não merecia perder com os bracarenses...

O Sporting de Espinho ganhou ao Marinhense com mérito pleno, o mesmo sucedendo ao Vianense — que, no entanto, logrou obter inesperada robustez no score com que derrotou o Boavista. Espinhenses (com o seu segundo triunfo) e minhotos subiram para o meio da tabela.

Resta falar do jogo da Póvoa de Varzim. É que, na conhecida vila piscatória, esteve quase a deflagar uma autêntica «bomba»! O comandante, na realidade, viu-se e desejou-se para chegar ao triunfo — que só lhe veio a sorrir mercê de grandes «auxílios»... Efectivamente, os 5-1 são por demais enganadores, nada dizendo da forte e tenaz resistência da Sanjoanense, que aguentou a marca em 1-1 durante largo período e apenas veio a ceder depois de ficar reduzida a nove elementos — e, assim mesmo, de penalty!

A prova entrou, agora, em fase que bem pode ser decisiva — após a inicial selecção e compartimentação das equipas, umas a decepcionar em absoluto (Salgueiros, Marinhense e Boavista) e outras a deslumbrar inesperadamente (Varzim e Leça).

Por tudo o que até aqui se verificou, e como pode bem avaliar-se após cuidada análise à tabela classificativa, surgem como fortes candidatos ao primeiro lugar cinco turmas: Varzim, Beira-Mar, Covilhã, Oliveirense e Braga.

Resta saber até que ponto as citadas equipas podem confirmar o favoritismo que lhe atribuímos e se não haverá qualquer outro grupo com algo para dizer na luta em que todos estão envolvidos.

Por nós, e embora reconheçamos as espinhosas tarefas que o aguardam, continuamos a acreditar — cada vez até com mais esperanças — na turma do Beira-Mar, que consideramos capaz de oferecer grandes momentos de eufórica alegria a todos os aveirenses.

Aguardemos... e confiemos!

Tabela de classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Varzim	8	6	1	1	22-7	13
Beira-Mar	8	4	4	—	11-5	12
Covilhã	8	4	3	1	16-3	11
Oliveirense	8	4	2	2	14-7	10
Braga	8	5	—	3	19-17	10
Leça	8	4	1	3	12-12	9
Vianense	8	3	2	3	14-13	8
Espinho	8	2	4	2	12-13	8
Boavista	8	3	1	4	7-14	7
C. Branco	8	2	2	4	7-10	6
Marinhense	8	2	2	4	9-12	6
Académico	8	1	4	3	8-13	6
Sanjoanense	8	1	2	5	8-23	4
Salgueiros	8	1	—	7	9-21	2

Jogos para Amnhã:

Académico — Oliveirense
Covilhã — Espinho
Marinhense — Salgueiros
Braga — Vianense
Boavista — Varzim
Sanjoanense — Castelo Branco
Leça — Beira-Mar

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 16 DO TOTOBOLA

de 6 de Janeiro de 1963

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Atlético — Porto			2
2	Leixões — Setúbal	1		
3	Feirense — C. U. F.	1		
4	Guimarães — Benfica			2
5	Barreiren — Académico			2
6	Lusitano — Belenense	1		
7	Salgueiros — Covilhã	1		
8	C. Branco — Boavista	1		
9	Oliveirense Leça	1		
10	Montijo — Torriense		x	
11	Silves — Alhandra		x	
12	Farense — Seixal	1		
13	Portalegren — Oriental		x	

Castelo Branco, 1 — Beira-Mar, 3

Jogo no Estádio Municipal de Castelo Branco, sob arbitragem do sr. Salvador Garcia, de Lisboa.

Castelo Branco — *Carujo; Juca, Inácio e Sebastião; Rocha e David; Mateus, Ramos, Lagarto, Wilson e Mirita.*

Beira-Mar — *Pais; Valente, Liberal e Moreira; Amândio e Jurado; Cardoso, Brandão, Teixeira, Chaves e Correia.*

1-0, aos 4 m., em golo de LAGARTO, sob passagem de Mirita, em lance de pouca decisão de Liberal. O remate saiu forte e sesgado — sendo ainda a bola «ajudada» pelo vento.

1-1, aos 42 m, em magnífico golo de AMÂNDIO, no desenvolver de um *corner*.

1-2, aos 48 m., em golo de CHAVES, após vistosa jogada do ataque aveirense.

1-3, aos 70 m., em golo de CARDOSO, pondo termo a novo avanço bem delineado dos beiramarenses.

Na metade inicial, houve certo equilíbrio — tanto pelo empenho dos albicastrenses, fortemente moralizados pelo tento obtido logo no início do prélio, como ainda porque os aveirenses actuaram em ritmo repousado, em jeito de quem aguarda o momento próprio para se impor.

Assim mesmo, o *score* de 1-1 era já lisonjeiro para os serranos, dado que as melhores oportunidades de golo pertenceram à turma de Aveiro — nomeadamente quando, aos 37 m., um remate de Cardoso levou a bola à trave.

Após o descanso, os beiramarenses, mais rápidos sobre os lances, dominaram por completo o jogo; e, colocando-se cedo em vencedores, o que — indubitàvelmente — trouxe à equipa mais confiança e alento, os negro-amarelos demonstraram possuir um conjunto melhor compenetrado e superior ao seu brioso antagonista que, lutando sempre sem desfalecimento, mais valorizou o triunfo.

Na turma de Aveiro, a defesa voltou a jogar em grande plano. No sector médio, Jurado foi mais brilhante que Amândio — mas ambos satisfizeram. Na frente, com um novo arranjo do quinteto (estreou-se Correia e Brandão transitou de médio para interior), houve mais engodo pela baliza. Chaves, imaginoso, e Cardoso esforçadíssimo, estiveram melhores que os restantes: Brandão foi mais útil que a médio, Correia não destoou e cumpriu, e apenas Teixeira esteve aquém do que pode vencer, apesar de combativo.

No Castelo Branco, evidenciaram-se Carujo, Rocha, Sebastião e Lagarto.

A arbitragem situou-se em plano merecedor de boa nota.

Soma e Segue...

VARZIM

C. BRANCO

Jogo-treino

Beira-Mar, 3

JUNIORES

Celulose, 0

Na manhã de domingo, e aproveitando a «folga» da equipa no Distrital, os juniores do Beira-Mar defrontaram, no Estádio de Mário Duarte, o grupo representativo da Companhia Portuguesa de Celulose, de Cacia, num desafio-treino.

Os jovens beiramarenses ganharam por 3-0 — com golos apontados por *Christo* (2) e *Martinho I* (1) — depois de um primeiro tempo sem golos.

As turmas apresentaram:

BEIRA-MAR — Gonçalves (Vieira); Elias (Óscar e Morgado), Guilherme e Martinho II; Arménio e Carlos Alberto (Martinho I); Barreto, Corte Real, Lopes I (Soeiro), João Domingos (Lopes II) e Christo.

CELULOSE — Sidónio (Zé); Américo, Rodrigo e Arménio; Castro Domingues e Picado; Lança (Monteiro e Soares), Mano, Mendes, Marques e Vasco.

REGISTO DAS PROVAS DISTRITAIS

I DIVISÃO

Resultados do Dia:

Cesarense - Anadia . . . 2-2
Vista-Alegre - Lamas . . . 0-3
Lusitânia - Bustelo . . . 5-0
P. de Brandão - Arrifanense . 1-2
Estarreja - Alba 3-2
Ovarense - Esmoriz . . . 4-2

Não se realizou, em Águeda, o desafio *Recreio — Cucujães* da mesma jornada, por não ter comparecido a equipa de arbitragem.

Nos prélios efectuados, realçaram-se as vitórias de lamacenses e arrifanenses fora dos respectivos recintos, e ainda o empate que os anadienses conseguiram em Cesar.

Tudo, de resto, foi normal, pelo que o Lamas e o Lusitânia — que amanhã se defrontam em jogo de capital importância para a atribuição do título — continuam bem firmes nas suas posições cimeiras.

Tabela de classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Lamas	16	12	3	1	41-15	43
Lusitânia	16	9	7	—	38-14	41
Ovarense	16	9	2	5	51-26	36
Arrifanense	16	8	2	6	38 31	34
Anadia	16	6	3	7	33-30	31
Recreio	15	6	3	6	25 19	30
P. Brandão	16	7	—	9	30 26	30
Alba	15	5	4	7	32 34	30
Esmoriz	16	6	2	8	24-28	30
Cesarense	16	4	6	6	24-30	30
Estarreja	16	3	7	6	19-32	29
Bustelo	16	5	2	9	20-42	28
Cucujães	15	5	2	8	24-28	27
V. Alegre	16	3	3	10	14-58	25

Jogos para amanhã:

Esmoriz - Cesarense (0-2)
Anadia - Recreio (1-2)
Cucujães - Vista-Alegre (0-1)
Lamas - Lusitânia (1-1)
Bustelo - P. de Brandão (1-3)
Arrifanense - Estarreja (1-1)
Alba - Ovarense (1-6)

RESERVAS

Resultados do Dia:

Espinho - Ovarense 5-1
Oliveirense - Recreio . . . 2-2

Tabelas de classificação:

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense	6	5	—	1	19-9	16
Sanjoanense	5	4	—	1	13-4	13
Lamas	4	2	—	2	10-4	8
Cucujães	5	1	1	3	5-12	8
Lusitânia	6	—	1	5	2-10	7

Série B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Espinho	7	6	1	—	25-4	20
Oliveirense	7	4	1	2	19-10	16
Valonguense	8	3	2	3	14-22	16
Beira-Mar	7	3	1	3	9-7	14
Ovarense	9	1	2	6	7-31	13
Recreio *	8	2	1	5	10-10	12

* Tem uma falta de comparência

Jogos para amanhã:

Sanjoanense - Cucujães
Lamas - Lusitânia (5-1)
Valonguense - Beira-Mar (0-4)

JUNIORES

Resultados do Dia:

Alba - Recreio 2-1
Esmoriz - Estarreja . . . 0-0
Ovarense - Anadia. . . . 1-5
Arrifanense - Lamas . . . 1-0
Espinho - Sanjoanense . . 0-0

Tabelas de classificação:

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	9	7	1	1	41-10	24
Anadia	10	6	1	3	35-20	23
Recreio	10	6	—	4	39-23	22
Ovarense	9	5	1	3	17-14	20
Alba	9	3	1	5	16-22	16
Estarreja	9	2	1	6	16-28	14
Esmoriz *	10	1	1	8	4-51	12

* Tem uma falta de comparência

Série B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	8	6	1	1	26-9	21
Sanjoanense	8	5	2	1	14-6	20
Lamas	9	3	1	5	13-18	16
Feirense	8	3	1	4	10-13	15
Espinho	8	2	1	5	7-14	13
Arrifanense	7	2	—	5	9-19	11

Jogos para amanhã:

Recreio - Ovarense (0-5)
Estarreja - Alba (1-2)
Beira-Mar - Esmoriz (12-0)
Sanjoanense - Arrifanense (2-1)
Oliveirense - Espinho (3-2)

Basquetebol

Anteontem, nesta cidade:

AVEIRO, 45 — PORTO, 25

No Rinque do Parque, defrontaram-se anteontem, à noite, as selecções distritais de Aveiro e do Porto — conforme oportunamente anunciámos.

O prélio, a que no próximo número nos referiremos mais de espaço, terminou com o resultado de 45-25 (19-13, ao intervalo) a favor do grupo aveirense.

CAMPEONATO DISTRITAL DE JUNIORES

A prova principiou no domingo, mas sob maus auspícios. Efectivamente, dos três desafios marcados apenas um se realizou, proporcionando uma vitória do Sangalhos sobre o Amoníaco, por 39 30.

Os outros desafios tiveram sorte diferente: um foi adiado (Recreio-Cucujães), por não ter chegado ainda a documentação dos cucujanenses; enquanto o outro (Sanjoanense-Galitos) ficou sem efeito por desistência da turma de S. João da Madeira.

Para amanhã, o calendário marca os jogos *Galitos-Esgueira*, em Aveiro, e *Cucujães-Sangalhos*, em Cucujães.